

arqqa102

ARQUITETURA E ARTE

mai|jun 2012 | €11,00

Portugal Turístico

Promontório
Atelier Bugio
Cannatà & Fernandes
Carrilho da Graça
Inês Lobo
SPBR
AND-RÉ

Paulo Martins Barata
Luís Tavares Pereira
Ricardo Camacho
Madalena Cunha Matos
Pedro Barreto
Fernando S. Salvador + Margarida G. Nunes
Matilde Seabra
CasaGranturismo
Guimarães 2012



Portugal Turístico





Portugal Turístico

Entre a negação disciplinar da realidade e a procura específica de alternativas

Luís SANTIAGO BAPTISTA | lsbaptista@revarqa.com

1 A temática do turismo caracteriza-se hoje, por um lado, por práticas generalizadas de mobilidade dos indivíduos e, por outro, por críticas aos processos de massificação a que estas estão sujeitas. Se, a uma escala planetária, se multiplicam os potenciais destinos turísticos, dos históricos até aos exóticos, assiste-se igualmente a uma diversificação dos tipos de turismo, compreendendo o lúdico, o cultural, o terapêutico, o de aventura, o religioso, o desportivo, o urbano, o rural, o ecológico, o sexual, etc. O indivíduo contemporâneo parece ter alcançado definitivamente a *desterritorialização*. Depois dos trajetos sacralizados do peregrino, com percurso e destino definidos, do itinerário cultural do viajante, instituído pelo *Grand Tour*, e mesmo da experiência metropolitana do tipo *blasé* de Simmel e do *flâneur* de Benjamin, tornámo-nos cada vez mais sujeitos em movimento. Quando Zygmunt Bauman, na sua definição dos “sucessores do peregrino”, distingue as categorias do “deambulador”, do “vagabundo” e do “turista”, fá-lo para caracterizar essa nova existência dinâmica do indivíduo contemporâneo.¹ Mas o que se torna aqui determinante é que a prática da deslocação não está relacionada com a atividade turística em si, sendo antes a condição estrutural dos nossos tempos. De facto, o nosso movimento é hoje expansivamente físico e mental, real e virtual, local e global, algo que acontece entre as deslocações físicas, as viagens da consciência e, agora, as navegações na internet. Esta ideia serve-nos para interrogar as resistências que enquadram a questão do turismo no campo da arquitetura. Por sistema, os arquitetos têm tendência para criticar a indústria do turismo, confrontando a banalização generalizada do mercado turístico com uma autenticidade tradicional em desaparecimento. Esta conceção dicotómica leva à oposição entre a procura do *mesmo*, do primeiro, ao desejo do *outro*, do segundo. E, não negando o seu fundo de verdade, o problema que se coloca é que esta relação entre *banalidade* e *alteridade* acaba por se transmutar na distinção entre realidades arquitetónicas e urbanas. As más dominadas pela lógica turística do *simulacro*, as boas entendidas como bastiões de resistência do *autêntico*. Como se a alteridade fosse característica intrínseca de um certo ambiente pretensamente verdadeiro. É neste ponto que a nostalgia e a melancolia se apodera dos arquitetos nesse confronto com a realidade massificada do turismo, reduzindo-a a uma mera destituição do sentido da experiência. Mas não será a experiência de Monte Gordo no pino do Verão uma experiência estruturalmente “heterotópica” no sentido foucaultiano? E não teremos um verdadeiro contacto com o “outro”, numas férias, em pacote tudo incluído, num *resort* em Punta Cana? Temos a impressão que essa relação com a alteridade, embora mantenha uma conexão contextual, depende igualmente da natureza da resposta do dito “turista”.

2 Não tem sido fácil em Portugal o debate crítico sobre arquitetura e turismo. Depois de um início prometedor nos anos 60 e 70, a arquitetura qualificada e a indústria turística têm revelado uma convivência tensa, não conseguindo desenvolver formas de aproximação mais produtivas. Torna-se a este nível revelador a análise breve das publicações disciplinares sobre o tema na última década e meia. Desde logo, em 2000, tendo em conta a requalificação do *Jornal dos Arquitetos*, o renovado *J.A.*, dirigido por Manuel Graça Dias, desenvolvia o tema “As Praias de Portugal”, em dois números sobre a questão do turismo, lúdico no primeiro, cultural no seguinte. Com

uma frescura a que não estávamos habituados, pressente-se nestes números uma cisão entre a prática qualificada dos arquitetos e o mundo desqualificado do turismo. Talvez por isso o refúgio na exemplaridade da história moderna portuguesa, patente não só nos textos, entre o histórico, o empírico e o poético, mas principalmente nos projetos apresentados. O afastamento, nesse momento, da arquitetura de autor em relação à promoção turística justificava essa redescoberta da memória moderna. Neste sentido, esta primeira resposta intencional ao tema não deixou de assumir uma certa inclinação nostálgica. “E afinal o turismo, viagem, poderia ser uma atividade desprendida; só se deveria querer visitar e ver o que fosse vivo e real”,² afirmava então Graça Dias. Mais tarde, em 2007, já com a nova direção do *J.A.* em exercício, Ricardo Carvalho e José Adrião lançavam o tema das “Férias”, procurando relacionar a situação portuguesa com o contexto globalizado do turismo. Os diretores assumiam agora uma perspetiva claramente apontada à contemporaneidade e ao papel ativo dos arquitetos na qualificação do território e da paisagem: “O turismo «descobre» e potencia um lugar, mas é também responsável, na maior parte das vezes, pela aniquilação da sua própria razão existencial. E é exatamente aqui que a arquitetura, na sua relação com o território, com os programas, com a cultura, pode inverter positivamente um processo irreversível de multiplicação de erros.”³ De certa forma, essa posição afirmativa encontrava a sua explicação na então recente aproximação entre a arquitetura de autor e a promoção turística, através de uma série de encomendas significativas a alguns dos arquitetos portugueses mais reconhecidos. Apesar da escolha sensível dos projetos e da recuperação de referências históricas nacionais, Carvalho e Adrião não deixavam de abrir a sua perspetiva ao contexto internacional, com incursões pontuais aos debates críticos do momento, como o caso delirante do Dubai. No entanto, manifestava-se ainda esse intervalo entre o papel qualificador conferido aos arquitetos portugueses e a realidade produtiva do fenómeno do turismo globalizado, como se não conseguissem verdadeiramente cruzar trajetórias. Poder-se-ia dizer que esta nova resposta ao tema se concretizava agora num registo bipolar. Por fim, em 2008, no âmbito do revelador programa *Allgarve* e em parceria com a Fundação de Serralves, cruzando assim os domínios lúdico e cultural, Luís Tavares Pereira comissariava a exposição *Reação em Cadeia*, centrada sobre a tipologia do hotel contemporâneo. Apesar do âmbito tipológico mais circunscrito, a exposição e respetivo catálogo anunciavam uma mudança de perspetiva que evitasse as limitações presentes nas interpretações anteriores. Afirmava o comissário: “A indústria do turismo confronta-se hoje com novos desafios advindos da facilidade das comunicações e do conseqüente crescimento da circulação de pessoas, a que se associa a crescente sofisticação do público. À medida que nos tornamos mais globais, o hotel constitui um dos principais pontos nodais de cruzamento de uma sociedade em movimento.”⁴ A exposição apresentava um conjunto amplo de novos hotéis, construídos ou em projeto, num espectro geográfico global, embora mantendo o centramento na arquitetura de autor. Porém, a sua relevância estava na vontade de extravasar o mundo disciplinar da arquitetura. Se, por um lado, as entrevistas a arquitetos, arquitetos de interiores, promotores, empresários e hoteleiros demonstravam essa atenção aos processos mediadores da produção arquitetónica, por outro, a antologia de textos poéticos, narrativos e ensaísticos contemporâneos revelavam

Mas o que se torna aqui determinante é que a prática da deslocação não está relacionada com a atividade turística em si, sendo antes a condição estrutural dos nossos tempos. De facto, o nosso movimento é hoje expansivamente físico e mental, real e virtual, local e global algo que acontece entre as deslocações físicas, as viagens da consciência e, agora, as navegações na internet. Esta ideia serve-nos para interrogar as resistências que enquadram a questão do turismo no campo da arquitetura.



Promontório, Hotel L'And Vineyards, 2005-11 • Carrilho da Graça, Conjunto Habitacional Quinta do Bom-Sucesso, 2003-11 • SPBR, Edifício Laranjeiras, CasaGranturismo, 2008-11

fascinantemente os múltiplos extratos culturais da experiência do hotel. Num certo sentido, *Chain Reaction* procurava estimular essa reação em cadeia que prometia reaproximar os arquitetos à indústria do turismo global, expressa numa nova atitude de otimismo exacerbado. Mas depois rebentou a crise, com as consequências que se conhecem...

3 A relação difícil entre os arquitetos e a indústria do turismo não é mais do que um *reflexo condicionado* da tensão estrutural entre a arquitetura e o mercado ao longo da modernidade. Sendo o turismo, crescentemente, um dos principais motores das economias, tanto desenvolvidas como em desenvolvimento, a arquitetura que lhe dá resposta não pode escapar a essa associação umbilical ao funcionamento liberal das sociedades tardo-capitalistas. E isto tem levado a uma certa incapacidade para enfrentar de modo criativo os desafios inauditos que hoje se colocam, tal como Manuel Gausa apontou: “O espaço turístico demonstra que, apesar do menosprezo que habitualmente tem provocado na crítica «cultura», é um cenário particularmente estimulante para o observador atento, dada a sua capacidade para enunciar ou sugerir, muitas vezes de modo surpreendentemente premonitório, temas de crescente importância para o debate disciplinar.”⁵ Neste sentido, Gausa incitava a encarar positivamente os fenómenos de “desnaturalização, desterritorialização, desinibição, descontextualização, descodificação, desfiguração, desvinculação” patentes na industrialização do turismo contemporâneo. A verdade é que esta mudança de perspetiva começou a emergir com o novo milénio, através de projetos de investigação mais ou menos radicais. Algumas propostas críticas têm enfrentado deliberadamente a realidade existente: o especulativo *Costa Ibérica* dos MVRDV, potenciando os modos de apropriação da costa na península ibérica;⁶ os delirantes *Dubai Guide* de Moutamarat e o *Gulf Survey* do AMO, focalizados no boom do Golfo Pérsico;⁷ ou o crítico *Al Caribe* do coletivo Supersudaca, centrado na análise territorial e infraestrutural da situação das Caraíbas.⁸ Apesar das diferentes tonalidades das abordagens, estas investigações críticas e especulativas procuram compreender e interiorizar a realidade globalizada do turismo. Em Portugal, num sentido mais realista, esse investimento crítico na questão das estratégias de intervenção turística tem-se manifestado tanto no ambicioso programa dos Promontório, com

a tentativa limite de qualificação arquitetónica e paisagística “surfando” o sistema económico e financeiro,⁹ como, num sentido contrário, no pragmático *CasaGranturismo* de Ricardo Camacho, com a procura de alternativas territoriais e espaciais aos modelos produtivos dominantes na costa algarvia.¹⁰

4 Em Portugal, os projetos contemporâneos mais significativos para o turismo encontram na especificidade da resposta programática e contextual o seu principal atributo. O Hotel L'And Vineyards dos Promontório, integrado num singular plano geral por *clusters* do mesmo escritório, afirma-se como um objeto enigmático numa paisagem humanizada com subtil presença construída. O Hotel em Porto Santo do Atelier Bugio apresenta na sua configuração espacial uma experiência vivencial acolhedora mas austera. A recuperação da Pousada de Cannatã & Fernandes, só parcialmente realizada, revela que a sensibilidade matérica e espacial moderna mantém plena atualidade. No âmbito da operação da Quinta do Bom-Sucesso, se o conjunto de casas de Carrilho da Graça propõe uma surpreendente estrutura contínua que inverte a dominante lógica do loteamento, as casas em banda de Inês Lobo desenvolvem com rigor e sensibilidade uma tipologia habitacional desafiante. O bloco habitacional dos SPBR para a CasaGranturismo procura uma informalidade coletiva que responda a estratos socialmente mais abrangentes e menos elitistas. O projeto do Casino de Tróia dos Promontório faz da experiência sensorial do espaço uma condição fundamental à prática social do jogo. As intervenções pontuais num espaço público linear dos AND-RÉ qualificam pelo uso desportivo e lúdico um território eminentemente turístico. ■

¹ Cf. Zygmunt Bauman, *A Vida Fragmentada*, Lisboa, Relógio d'Água, 2007.

² M. Graça Dias, «Só se Deveria Querer Visitar e Ver o que Fosse Vivo e Real», in *J.A #196 – As Praias de Portugal I*, Ordem dos Arquitetos, 2000, p. 3.

³ J. Adrião; R. Carvalho, «Férias», in *J.A #227 – Férias*, Ordem dos Arquitetos, 2007, p. 2.

⁴ Luís Tavares Pereira, «Introdução», in *Chain Reaction*, Porto, Serralves, 2008, p. 15.

⁵ Manuel Gausa, «El espacio Turístico: Paisaje al Limite», in *Arquitectura del Movimiento Moderno 1925-65*, Barcelona, Docomomo/Fund. Mies van der Rohe, 1997, p. 292, tradução livre.

⁶ Ver MVRDV, *Costa Ibérica*, Barcelona, Actar, 2000.

⁷ Ver Moutamarat; AMO; Archis (ed.), *Volume #12: Al Manakh*, Amsterdam, 2007.

⁸ Ver Supersudaca, *The Caribbean Total Resort*, Barcelona, Actar, 2012 (no prelo).

⁹ Ver Promontório, *Architecture for Tourism*, Lisboa, Promontório, 2009.

¹⁰ Ver <http://www.casagraturismo.org/>